

# MORAR OU APENAS SE ADAPTAR NUM CONJUNTO HABITACIONAL: FRAGMENTO DA HISTÓRIA DE ITAQUERA I

Amélia Luisa Damiani\*

**A CONVIVÊNCIA:** "É pessoal que vem do interior, então, tem uns que conseguem se adaptar. Pessoas mais novas, eu acho. Tem até alguns mais velhos e tal, mas, por exemplo, o pai do Agenor, que morou em Pernambuco, ficou sozinho, veio morar aqui, ele não sai de dentro do apartamento, porque ele tem medo de sair fora. Porque ele tem medo disso, que é tão diferente, tão esquisito."



Foto cedida pela autora

Vindo do centro da cidade de São Paulo, pela avenida Radial Leste, chega-se à Cohab Itaquera I ou, simplesmente, Cohab I.

Avista-se uma massa, que parece acinzentada, de prédios, rodeada por uma paisagem de baixas casas. Compacta edificação que inaugura uma imagem nova. À primeira vista, perspectiva de aridez, no jogo geométrico da disposição dos inúmeros prédios crus, avessos ao que os rodeia. É a arquitetura pobre dos prédios construídos, indiferentes ao que poderia ser a história desse lugar.

Mas, seja como for, a vida se vinga, o espaço concebido, mesmo rudimentar, humaniza-se. O que parece igual ou similar, diferencia-se, com a configuração própria que lhe conferem seus moradores. Mesmo se o sentido primordial da ação for, até mesmo, a realização do espaço concebido.

É o nível da prática urbana, que não é só reflexo da forma urbana dos conjuntos habitacionais, mas também não é o reino da liberdade. É o nível dos conteúdos, por vezes, adversos. Seja como for, nos termos de Henri Lefebvre, no prefácio do livro de Philippe Boudon, sobre Pessac de Le Corbusier, é o nível dos efeitos de uma maneira de viver, de um estilo (ou ausência de estilo). Mais ou menos marcada por um grupo, a obra social, coletiva e individual, descobre-se como obra. Neste nível se manifesta um sentido, uma racionalidade concreta mais elevada e mais complexa, que a racionalidade abstrata (a do plano).<sup>1</sup>

Há uma certa rebeldia na prática urbana, porque trata do espaço vivido: o susto e o alarme, as apreensões, a felicidade comedida, a seguridade como conquista, a recusa escandalizada, a luta e o compromisso coletivo, a alegria de qualquer forma

de encontro, que esse modo de vida atrai. É o nível de quem vive, não de quem concebe.

Agora, numa metáfora do conjunto, não é mais minha voz ou fala, nem minha escrita, ou sequer minha observação que norteiam o discurso que segue, mas as vozes múltiplas dos moradores, que ouvi. Falam da igreja que construíram e da Igreja que paira sobre ela.

## A IGREJA

"Foi com o Joe que nós começamos o movimento. Como nós vamos mobilizar para construir a igreja?"

Aí nós fomos, assim, uma imensidão de gente na Cohab. Nós fomos com ele. Mais de 400. Lotou, foi bonito. Foi muito bonito. Aquilo emocionou muita gente. Isso deu muita força.



O Joe dizia assim: 'quem vai conquistar isso são vocês. A gente está junto.'

Eles estavam fazendo concorrência para espaço.

'A comunidade nasceu quando os primeiros habitantes do conjunto começaram a mudar, em 1977. De lá pra cá, houve toda uma caminhada, devagar e difícil.

O primeiro local a ser utilizado foi o Centro Comunitário I, com as duas missas, das 7:30 e 18:00 horas do domingo, que permanecem até hoje.

O conjunto foi crescendo, muitos moradores vindo de uma só vez, de todas as partes da cidade, de comunidades e realidades diferentes. Com isso a Comunidade cresceu muito.

Começou-se a sentir então, a necessidade de um local próprio, para a realização dos trabalhos e atendimento das necessidades do povo que iam surgindo.

Nessa época começaram a surgir os diversos grupos da comunidade: saúde, viciatinos, jovens, desempregados, etc.

O pessoal fez até abaixo-assinado para a Cohab vender um terreno. Esta, abriu 'concorrência pública', ganha pela Comunidade Católica. A Cúria nos comprou o terreno, ficando com a Comunidade a responsabilidade da construção.

O pessoal começou a se mobilizar e promover rifas, quermesses, etc.

Em outubro de ano passado, começou a construção, que será um importante instrumento de trabalho para atender o povo da Cohab I. (Voz da Comunidade, julho de 1984).

Esta igreja nós fizemos com muita luta. Ela foi construída assim aos poucos, foi tão bonito. Era de sábado e domingo. Uma turma fazia almoço, a mulherada, todo mundo ajudava. A laje, tudo, fomos nós que fizemos. A massa de concreto mesmo, as mulheres que ajudaram a fazer, a criança, a juventude dos grupos, todo mundo mesmo, o pessoal que participa da vida da comunidade.

A igreja foi feita com o suor da gente, cada tijolo.

Enchemos a mão de calo para fazer a igreja, levamos quase 10 anos para fazer isso. E agora o padre: 'quem manda aqui sou eu'.

Está tirando as pessoas do seu lugar, dos postos chaves que tinham. Tomou o lugar.

O Conselho da Comunidade deliberava. Tinha força. Todos tinham a palavra. A tendência é centralizar. Muitos, decepcionados, saíram da Igreja. O pessoal está se afastando da comunidade. Sobrou o grupo de jovens.

O padre é quem manda. Não era assim. Nós chegamos a formar conselho, o conselho que decidia tudo, agora vai voltar o padre que manda. Então, eu cutuquei o ouvido de uma, que já lutou junto com a gente, eu falei: 'pelo amor de Deus, vai voltar o tradicional?' Ai ela cutucou a outra, cutucou a outra, mas a maioria é tudo novata. Então, vai ser difícil pra gente.

Os jovens manifestam-se contra.

- Somos uma resistência ao padre. Grupo de resistência dentro da Igreja, para recuperar a época áurea.

A Igreja é para esclarecer as pessoas, mas ele prega diferente: 'para esclarecimento político temos os partidos.'

O que agente encontra hoje é a afirmação de uma linha conservadora, dentro da diocese, com a mudança do bispo, na região de São Miguel, e na Cohab.

A gente sempre imaginava essa proposta da Igreja, quando nós fizemos era uma Igreja que não era só para ficar rezando, tinha que ser uma Igreja voltada para a sociedade, para fora, para tudo. Agora, depois que as coisas já estão mais assim, vem vindo outras pessoas, tá vindo, por exemplo: grupo de oração, mesmo o pessoal mais tradicional.

O altar vão por lá na frente. Ele fica no meio. Vai ter plebiscito. Não sei, acho que nós vamos perder. A maioria que vai é só o pessoal que reza.

Os jovens estão protestando, porque querem a coisa assim, mais simples, mais próxima. A proposta da Igreja foi esta: 'ser aberto para tudo'. Então, a proposta do altar, também, colocado, aqui, de lado, porque assim a gente fica até em volta, num círculo, não o altar lá no fundo como o tradicional.

Você fica vendo uma regressão tão grande, a gente fica assim, meu Deus do céu!

Não existe mais a preocupação de trazer as pessoas para a Igreja. Aquela coisa de ajuda, trabalhar com as pessoas. Agora a preocupação é um lugar muito

bonito. A igreja bem acabada. Perde o caráter de comunidade, fica o caráter de paróquia.

O padre fala do número de fiéis perdidos por ano, para outras religiões. Coloca que o povo é ingênuo. É preciso coisas que façam as pessoas sonharem.'

## SOBRE A FALA

A igreja aparece, propositalmente, como metáfora do próprio conjunto. Inacabado, o conjunto é entregue a seus habitantes, que o obram individual e coletivamente. O resultado final não é um espaço autogestionário, mas um espaço sujeito às autoridades. Aqueles que controlam a administração de espaços não residenciais e sua propriedade: a Cohab; e, através dela, o Sistema Financeiro da Habitação, o Estado.

Quais seriam a memória e a realidade que prevalecem? As das obras dos moradores; ou as da presença da autoridade? A realidade que brota das lutas de classes, dos embates, promovidos pelos movimentos populares; ou as relações centro-periferia nascidas de dispositivos que parecem racionais e coerentes, e que transcendem a consciência e a vida dos moradores? Vinga o espaço planejado, sempre reproduzido como tal; ou um espaço autogestionário?

Estamos diante de um momento crucial, quando a igreja construída com a luta dos moradores, torna-se propriedade da Igreja, entidade e instituição que jamais dominaram. Da mesma forma, o conjunto preserva-se, potencialmente, sujeito a intervenções. Como o caso dos adensamentos, que tanto interferem na vida dos moradores, segundo o que eles mesmos insistiram. Existem as áreas de propriedade da Cohab ou áreas remanescentes, cujo destino envolve intenções, que transcendem os moradores. Além dos espaços expostos à cessão a título precário - gratuito ou sob pagamento - e de propriedade da Cohab.

A resposta evidente é que esse espaço é conjunturalmente dos moradores. A conquista é conjuntural. A estrutura é a de um espaço programado. Mas, é possível que a conjuntura rebente a estrutura, sobredeterminando-a. Isto é, é possível que prevaleça, apesar da Cohab como 'terra do Maluf', a Cohab enquanto pre-



sença dos movimentos populares, daqueles que se agrupam *“para quebrar isso de ficar fechado no conjunto”*, daqueles que reconhecem a construção do padre Joe, da Dilva, do Agenor, do Simão, da Cida, da Isa, e de tantos outros. Subverta, com o fogo da contestação, o espaço controlado, rompendo-o como tal.

Muitos acham que uns são indiferentes aos outros. Ou até a presença do outro é motivo de conflito. O vizinho aparece como problema. Mas, para muitos outros, a impressão é de que todos se conhecem, a lembrança é a do aconchego de um lugar conhecido. Entre essa duas interpretações o que se assegura é que estamos diante de um anonimato partilhado, isto é, convive-se, no conjunto, com um sentido aguçado de lugar. Todos sabem, e mesmo os não moradores saberiam-no - aqueles que até o discriminam -, os limites físicos do conjunto, ou dos conjuntos. Eles se destacam na paisagem. Seus moradores poder ter um sentido de lugar ainda mais claro, que no caso dos bairros em decadência, como forma urbana, nas grandes cidades.

As reforçar a imagem do conjunto habitacional e ao remetê-la à de um espaço planejado, a realidade do homem comum se vê agregada a um nível de realidade mais elevado - o do Estado -, e de uma maneira imediata, na sua vida cotidiana. Essa relação metamorfoseia-se na concepção de uma comunidade, fictícia, na qualidade de moradores de conjuntos habitacionais. Comunidade que paira fora de seus conflitos cotidianos, em nível de prédio, de vizinhança, etc.

É comum identificar-se a necessidade do conjunto ser uma comunidade. Da mesma forma, vislumbrar-se, por exemplo, no conflito com os vizinhos, um empecilho para tanto. Não se trata, portanto, de uma comunidade orgânica, construída e livremente escolhida.

Implacáveis, os blocos se afirmam na paisagem. Mas essa identidade seria só perversa, vivida como discriminação, o lugar das pombas, o símbolo do pobre e da pobreza? Ou haveria a possibilidade de uma apropriação afetiva, na solidariedade da luta, ao se tornar tão familiar o conjunto, que na lembrança dos jovens todos se conhecem, potencializando, portanto, a sociabilidade possível?

A refutação, como eles admitem, amadureceu. Passou da espontaneidade das reivindicações, com a Igreja, a um pensamento político, com objetivo e estratégia mais claros, com a presença dos partidos oposicionistas, que consolidaram as conquistas anteriores. E mais, hoje, apesar do refluxo dos movimentos, como avaliam, as reivindicações imediatas, mas prementes, já estão em vias de superação. Reivindicações mais abrangentes, mais vastas e preparadas, tornam-se possíveis. Os elementos estão dados. Alguns têm consciência do teor do projeto urbano, no qual estão inseridos. Apesar da desarticulação atual, as entidades sempre acabam por se reunir, em contestações que aqui e ali se fazem necessárias. Têm a flexibilidade suficiente para romperem a centralidade estatal.

Essas conclusões são demarcadas pela história de Itaquera I. Não são referentes a qualquer conjunto, ou qualquer tempo. Não é alheia à conjuntura em que se formou Itaquera I: o avanço significativo da Igreja progressista à época, o fortalecimento dos sindicatos e movimentos populares, a consolidação dos partidos oposicionistas, no processo de abertura política. Com a conformação de estratégias adversas, criaram-se circunstâncias e momentos mais criativos para o repensar da forma urbana. Não seria o destino de todo e qualquer conjunto. O enfrentamento da estrutura rígida dos conjuntos depende exatamente da especificidade dos moradores, de seus relacionamentos, de sua organização, dos momentos da história.

O exemplo do Conjunto Habitacional de Tiradentes é o mais explosivo, como experiência de tal forma violenta, que indizível. Qualquer maneira de relatá-la aparece como empobrecedora, diante da *“extrema dificuldade que eles experimentam para reunir suas lembranças, para encontrar um fio condutor para dar uma certa unidade à sua experiência”*.<sup>2</sup>

Mesmo em Itaquera I, um conjunto melhor acabado, a palavra **pedacinho**, referindo-se a casa, aparece com dois sentidos: como conquista e como redução do lugar de morar.

As mulheres, ansiosas, vão ao posto de saúde, certas de estarem doentes, quando a ansiedade nasce de ficarem muito presas dentro de casa.

As condições objetivas de vida no Brasil não criam as possibilidades objetivas de superação da arquitetura moderna, ou de sua crítica. Insinuam-se algumas questões a respeito, que, no entanto, não se colocam como vivência real de suas contradições, implicando, então, a possibilidade de sua superação.

A arquitetura moderna pode, até, estar em crise, no seio de determinadas camadas sociais em nosso país. Para outras, a maioria pobre da população, essa crise não existe. Essa problemática não aparece como tal. A questão da sobrevivência a assegurar determina o nível de apreensão dos limites, que essa arquitetura pode implicar.

É preciso compreender a forma singular como é vivido esse espaço rigoroso. As experiências e imagens acumuladas podem redefinir esse espaço *“esquisito”*.

Pode-se vê-lo sob lentes próprias não de sua racionalidade intrínseca, mas do desenho da casa que sempre habitaram. E já o sabemos, que ela é diferente.

Misturam-se o espaço concebido, que exige *“adaptação”*, uma *“nova cultura”*, e a vivência de um habitar, que difere dele, e, ao mesmo tempo, impõe-lhe esse conteúdo precedente.

A imagem do conjunto está ainda no meio do caminho: entre uma concepção moderna, sem referências, como foi previsto, e uma concepção tradicional, emprestada das experiências anteriores, de outros espaços e tempos da cidade, e até do campo, que se afirmam como traços culturais e sociais do habitante. Também dessa maneira o habitante configura seu espaço e não é só por ele configurado: transpondo, revivificando experiências passadas. O vazio das referências é preenchido, não só pelas normas impostas, como também pela cultura e imaginação do morador; consolidando mais de uma forma de apropriação desse espaço.

*\*Amélia Luisa Damiani é Professora, Doutora do Departamento de Geografia da FFLCH/USP.*

## NOTAS

1. Boudon, Philippe, *Pessac de Le Corbusier/ Pessac II, Le Corbusier, Paris, Dunod, 1985.*
2. Lefebvre, Henri, *Critique de la vie quotidienne I, Introduction, Paris, L'Arche Éditeur, 1977, p.255.*